“WAAAAH! Hinoooo!”

“Eu sei, eu sei. Você me ama muuuuito. Calma, calma. Agora me solta.”

Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, imaginei que ela estaria esperando no meu quarto para me emboscar no exato segundo em que eu chegasse em casa. *Sério, não se agarre em mim enquanto eu estou trocando de roupa! Estou tentando tirar minha roupa, e não, eu não preciso da sua ajuda, obrigada!*

“Sou eu, Nagafuji, sua fiel companheira canina.”

“Ei, *canina*, não belisque minha bunda!”

“Quando perguntei pra empregada, ela me deixou entrar direto! Estranho como as pessoas sempre parecem se lembrar de mim!” ela exclamou enquanto esfregava o rosto na minha bunda. *Para com isso, sua pestinha!*

“Não, *você* é que é estranha por esquecer as pessoas o tempo todo!”

“Waaaah!”

“Ah, fica quieta, sua bebezona! Agora me deixa me vestir!”

Eu a empurrei e a fiz rolar pelo chão. Surpreendentemente, ela não resistiu; deve ter se cansado de se agarrar a mim. Mas, por alguma razão, seus giros estavam meio tortos... quase como se alguma parte dela não fosse tão plana quanto o resto... *Pensando bem, melhor não ir por esse caminho. Pelo amor de Deus... E eu aqui, planejando ir para a sua casa...*

“Se divertiu no Havaí?”

“Eh, foi bem mediano.”

Exceto pelo momento em que um dos locais pegou um tubarão com as próprias mãos e começou a gritar “Hora do jantar, uhuuu!” Mas, tirando isso, foi bem sem graça — nada de passeios, só ir do hotel para a praia privativa ou a piscina e voltar. Só mais uma viagem de verão para o exterior, na verdade.

No corredor, eu conseguia ouvir passos apressados correndo de um lado para o outro e, de vez em quando, via a silhueta de um dos meus irmãos através das portas de papel. Nossa família era tão grande que viajar coordenadamente era um pesadelo — não só para a partida, mas para a volta também. E como meus irmãos trouxeram suas famílias inteiras, havia crianças gritando por toda parte. Foi exatamente por isso que eu quis fugir para a casa da Nagafuji. Mas, claro, essa garota nunca levava *meus* sentimentos em consideração.

“Sentiu tanto a minha falta assim?”

“Claro que senti!”

“Hmmm.” Eu sempre esquecia que esse tipo de piada não funcionava com ela. Em vez disso, acabava saindo pela culatra, e meu constrangimento fazia parecer que eu não estava brincando.

Enquanto vestia minha camisa, conseguia ouvir o canto das cigarras do outro lado da porta de papel. No Havaí, não havia cigarras, então esse som me lembrava que eu realmente estava de volta para casa. Ao mesmo tempo, senti uma certa empolgação ao pensar que havia saído dos limites do meu país. Sim, por mais bizarro que fosse, eu só ficava animada com viagens depois que elas já tinham acabado. Mas agora que estava de volta, as memórias pareciam vívidas e brilhantes. Talvez eu só precisasse de um pouco de perspectiva para realmente apreciar tudo.

E assim, finalmente terminei de trocar de roupa, apesar da Nagafuji não ter ajudado em nada, mas então ela teve a audácia de reclamar:

“Isso não é um quimono!”

“Eu não vou usar todas aquelas camadas idiotas no meio do verão!” Talvez quando o tempo esfriasse. Não que a Nagafuji fosse para algum lugar, de qualquer forma.

“Ah, isso me lembrou de uma coisa!” De repente, ela começou a balançar a mão no ar.

“O que foi?”

“Quero arrumar um emprego na sua casa!”

“…*O quê*?” Normalmente, eu conseguia entender pelo menos a essência do que ela queria dizer, mas dessa vez, ela me deixou completamente confusa. Um emprego? Na minha casa? “O que isso deveria significar?”

“Bem, eu quero trabalhar na sua casa.”

*Essa é a parte que eu não entendo, gênia.* Nosso negócio de família não contratava gente de fora, e mesmo que contratasse, levando em conta a personalidade dela, ela não tinha o menor perfil para esse tipo de trabalho. Então, que outro “emprego” ela poderia conseguir na nossa casa…? Casar com o Goushirou?

*Não, não, não. Sem chance. De jeito nenhum.* Por alguma razão, isso me irritou. *Se explica direito, droga!* Felizmente, ela percebeu meu olhar fulminante e começou a falar.

“Eu poderia ser uma das ajudantes da sua família! Assim, a gente se veria todo dia!”

“Ah, *isso...* Nãão, não, não. Esquece.” Acenei com a mão, dispensando a ideia.

“Por quê?”

“Porque você é inútil!”

Minha família só era legal com ela porque era uma convidada; não tolerariam seu comportamento se fosse uma funcionária. Além disso, eu *não* queria que meus irmãos idiotas ou qualquer outra pessoa ficasse dando ordens para ela. Só de pensar nisso, já me irritava ainda mais. A Nagafuji que eu conhecia era um espírito livre, e eu queria que continuasse assim.

“Não sou, não. Todo mundo precisa de uma Nagafuji!” Ela declarou, fazendo uma dancinha que fez seu peito balançar. Eu não achei graça.

“Escuta aqui, sua…”

“Pensa bem, Hino! Cada minuto sem você é chato, solitário e uma grande perda de tempo!” Ela contou nos dedos enquanto falava. Apesar de só ter três pontos principais, estendeu todos os cinco dedos e os mostrou como se aquilo fosse uma prova irrefutável. “Viu? Só tem desvantagens!”

A luz atravessava as portas de papel e iluminava seus dedos, projetando uma sombra no tatame como os ponteiros de um relógio. Mas aqueles ponteiros estavam parados, imóveis, como o interminável verão.

No Havaí, o tempo passava devagar. A cada brisa fresca, eu sentia que avançava um pouco junto com o resto do mundo. Já os verões no Japão pareciam estagnados, como uma dimensão isolada onde só existia o *calor*. Mas às vezes, quando eu precisava de um momento para relaxar, essa imobilidade era reconfortante.

“Então é por isso—*waaaah*! Hinoooo!”

Ela pareceu se lembrar de algo no meio da frase, porque de repente se agarrou a mim. E do jeito que esfregava o queixo contra a minha cabeça, *estava* realmente agindo como um cachorrinho de estimação.

*Ela é tão...*

Ali, nos braços dela, as palavras sem sentido não saíam da minha boca.

“Você tá meio quente. Trouxe o sol do Havaí com você?”

“Algo assim.” Dei de ombros, disfarçando.

Os pulsos pálidos dela brilhavam enquanto me segurava. Isso era algo que o Havaí não tinha. *Mas tudo bem... vamos fingir que você está certa.*

**~Pensamento de Hoje da Adachi~**

“Faremos uma barraca de comida no próximo festival. Você ajuda, ok?”

“Desculpe, mas tenho planos para esse dia”, respondi, recusando o pedido da minha gerente. “Planos muito importantes”, acrescentei. *Não* ia deixar que ela me convencesse. No pior dos casos, eu estava pronta para pedir demissão, se fosse necessário.

“Hrrmmmm…”

Ela fingiu parecer preocupada, mas então a outra garota apareceu vestindo seu *cheongsam*. Claro! Agora que pensei nisso, tínhamos uma nova funcionária aqui!

“Vou deixar isso com *você*”, disse, fazendo uma reverência profunda.

E assim, consegui empurrar meu turno para outra pessoa. Eu me recusava a cometer esse erro uma segunda vez. Agora, todos os possíveis obstáculos entre mim e a minha grande ambição haviam sido eliminados.

*Excelente.*